



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Uma “galeria de arte” para São Paulo: aspectos da criação das coleções de pintura do Museu Paulista entre os anos de 1895 e 1905

PALAVRAS-CHAVE: *sistema da arte, Museu Paulista, São Paulo*

RESUMO EXPANDIDO:

Seria possível para o caso de cidades brasileiras como São Paulo pensar, como sugere Bruno Contardi (1995) a partir de Argan, uma “história da arte como história da cidade”? Contardi, interpretando a metodologia crítica do historiador italiano, sugere uma identidade entre arte e cidade, pautada pela compreensão da história da arte como uma história de objetos cuja produção e circulação está intrinsecamente ligada à própria historicidade desse lugar. Para a compreensão do fenômeno artístico, Antal (1947) também havia partido da indagação acerca desse fazer e de seus atores – artistas e consumidores – para encontrar na cidade o *locus* onde essas relações se desenrolam e ganham sentido, a partir de formas de organização políticas e sociais específicas de determinados contextos urbanos. Em Baxandall (1972), por sua vez, a noção de que uma obra de arte é o repositório uma relação social implica também em determinar o lugar e o momento dessa relação como partes constituintes da moldura institucional que configura o sistema produtivo da arte.

No caso de São Paulo, têm sido feitos esforços de compreensão do ambiente artístico da cidade em fins do século XIX e início do século XX, no contexto de sua modernização. Embora existam estudos sobre aspectos da produção artística na cidade (TARASANTCHI, 2002), investigações acerca dos hábitos de colecionismo (RIBEIRO, 1990), da crítica (CHIARELLI, 1996), das exposições (BARBUY, 2006; NASCIMENTO, 2009; ROSSI, 2001) e das instituições artísticas (BELLUZZO, 1998), muito há ainda por fazer no sentido de articular essas iniciativas para a compreensão da constituição de um sistema de arte no contexto paulistano finissecular.

Para tanto, é necessário um esforço teórico-metodológico que incorpore as reflexões acerca das relações entre arte e sociedade, levando também em conta as discussões acerca da inscrição dessas relações no tecido da cidade. No caso de São Paulo de fins do século XIX, a investigação acerca desse sistema só pode ser completada por uma discussão do processo de modernização da própria cidade. A fim de contribuir para esse debate, a presente comunicação propõe a discussão daquela que foi a primeira galeria pública de pinturas da cidade de São Paulo – aquela acolhida no Museu Paulista, em seus primeiros anos de funcionamento –, a partir da análise de uma série documental composta de fontes escritas e iconográficas.

A cidade ganhou a sua primeira coleção pública de pinturas no contexto da criação do Museu do Estado, inaugurado em 1895. Em seus primeiros anos de funcionamento até a abertura da Pinacoteca do Estado de S. Paulo, o museu acolheu um conjunto de pinturas formado por telas históricas, retratos, paisagens, telas de gênero e naturezas mortas. O projeto do museu foi explicitado em documentos oficiais que definem as características da instituição. O Museu Paulista, segundo o regulamento de 1894, foi pensando como um museu de ciências naturais, mas também como um espaço destinado à memória nacional, sendo projetado para também



acolher obras de arte relativas à história da nação, em especial “retratos de cidadãos brasileiros” que tivessem “prestado incontestáveis serviços a Pátria” e merecessem “do Estado a consagração de suas obras e feitos e a perpetuação de sua memória” (Decreto n.249, 1894). Segundo essas diretrizes, o Museu acolheu representações iconográficas desses homens e suas ações. Também foi dada atenção à representação de “acontecimentos-chave” da história nacional. Ao lado de obras de caráter histórico, foram contempladas também representações do território paulista e dos costumes de seu “povo”.

Além das pinturas de caráter memorialístico e histórico houve também a incorporação de pinturas de artistas paulistas e/ou atuantes em São Paulo. Sem tratarem de temas históricos ou de costumes, essas obras foram acolhidas pelo museu por representarem um estímulo ao desenvolvimento da atividade artística na cidade. O objetivo dessa incorporação parece ter sido tanto de despertar o interesse do público, em termos de formação e de fomento ao colecionismo, quanto de servir de modelos de estudo para futuros artistas.

A comunicação proposta visa apresentar um exame da coleção até o momento de sua transferência para a Pinacoteca do Estado de S. Paulo (1905), relacionando-a aos critérios criados para a sua reunião e exposição, a fim de propor uma interpretação dos sentidos adquiridos por essas obras inseridas em uma narrativa de um museu-monumento. Esse espaço da cidade, ao lado da pesquisa em história natural, dedicou-se à preservação da memória nacional de uma perspectiva paulista, além de constituir-se num espaço de fomento da arte e da cultura, conforme modelos civilizatórios e de modernidade almejados para São Paulo.